

ANÁLISE POÉTICA DAS MOVIMENTAÇÕES SOCIAIS NOS POEMAS “PAISAGEM NO. 1”, “ODE AO BURGUESES” E “TU”, EM PAULICÉIA DESVAIRADA, DE MÁRIO DE ANDRADE

Francisca Júlia da Silva Soares¹

Vanalucia Soares da Silveira²

Jenicélia Duarte da Silva³

RESUMO: Em 1922, acontecia a manifestação cultural-artística conhecida como a Semana de Arte Moderna, em que o célebre Mário de Andrade publica Paulicéia Desvairada sendo considerado a primeira obra de poemas modernista, em que a composição rebelde apurou, anos depois, a conferência de 1942 sobre o movimento de transformações do panorama das artes no Brasil. A evolução para o modernismo estavelmente sólido em Paulicéia desvairada estabelece a poética de Mário de Andrade, construindo a renovação, o modernismo em seus versos apresentou o poder do expressionismo, as nuances do futurismo e as mais distintas características. Em uma poética cuidadosa, é possível deparar-se com as ruas caóticas de São Paulo, bem como os desejos ilícitos que se tornam fortificados e sólidos para o eu-lírico, conduzindo a vida cotidiana do sujeito em delinquências e na satisfação em extraviar as leis. Eis os objetivos do presente trabalho, examinar a criação do espaço civilizatório que enclausura e protege o ser humano, bem como avaliar as falhas em lidar com essas zonas. Munidos pelo arsenal da teoria analítica da literatura bem como a teoria psicanalítica, com as contribuições de Freud (1905) e demais colaboradores, para exteriorizar os complexos socialmente alicerçados. Como resultado, é visível que o meio social pode exaurir, mas também complementar o sujeito.

Palavras-Chave: Literatura Brasileira. Mário de Andrade. Paulicéia Desvairada.

INTRODUÇÃO

“Leitor: Está fundado o Desvairismo” (ANDRADE, 2019, p. 9), assim inicia Mário de Andrade sua célebre obra “Paulicéia Desvairada” obra publicada em 1922, ano da Semana de Arte Moderna, marcando a literatura brasileira, a cultivar a estética do Modernismo no país. Assumindo uma escrita impulsiva, o criador destaca em seu prefácio como antes de ler ele será julgado, mas precisamente como a lírica presente são frutos de um sujeito que pensa muito e pouco sabe se expressou do inconsciente. Essa liberdade de expressão da psique humana pode cultivar na sociedade um olhar de alerta. Simbolicamente, todo espaço é preenchido de cultura, poder e ordem, ao romper com esses paradigmas, de vítima o sujeito

¹ Mestranda pelo programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: frjulias08@gmail.com.

² Doutora pelo programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: vanalucia.silveira@ifpb.edu.br.

³ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: duartejenicelia@gmail.com.

passa a ser enxergado como vilão. Eis que Mário de Andrade em tom confessional, relata como sua obra não será somente encantos, mas desencontros civis e principalmente, desconforto.

REFERENCIAL TEÓRICO

Assim, o objetivo do presente trabalho é analisar as extremidades poéticas entre a civilização declamada nos poemas e o retrato construído na vida social. Ao questionar esses movimentos sociais, torna-se crucial observar também os espaços recheados de denúncias. Para tal empreendimento, recorre-se à teoria fundada por Sigmund Freud acerca da civilização e dos comportamentos do sujeito mediante situações e zonas de bem-estar e desconforto.

UMA CONSTRUÇÃO LITERÁRIA E PSICANALÍTICA NO SUJEITO DESVAIRADO

Sigmund Freud é declarado o pai da psicanálise pelos feitos teóricos que distorcem os padrões comportamentais e bem regidos da ordem civil. Em sua obra *Mal-estar na civilização* (1930) ocupa-se em explicar determinadas feições da sociedade para estabelecer a paz, bem como as opressões que são forçadas para essas atitudes. Assim, como base teórica recorreu-se ao escrito teórico do pai da psicanálise para compreender o sujeito e a sociedade apresentadas na arte literária do poeta Mário de Andrade. Assim, o sujeito ao assumir uma posição de felicidade que contraria as pré-estabelecidas pela unidade social, impõe a si uma possibilidade de risco mediante espantosas ações. Desse modo, por vezes, para manter o coletivo pacificamente é necessário vários recortes da felicidade humana, como explica Freud, uma porcentagem da miséria social vem do que a civilização estabelece como condição. “A asserção me parece espantosa porque é fato estabelecido — como quer que se defina o conceito de civilização — que tudo aquilo com que nos protegemos da ameaça das fontes do sofrer é parte da civilização.” (FREUD, 2010, p. 44).

METODOLOGIA

Assim, o método aplicado foi o de análise dos poemas, para poder compreender a sociedade e o sujeito e como eles intercalam nos poemas “Paisagem No. 1”, “Ode ao burgues” e “Tu”. A palavra civilização surge de uma soma resultante das realizações e instituições que

como apresenta Freud, afastam a vida daquela dos antepassados animais, realizando uma separação dos comportamentos inteiramente primitivos. Servindo, a partir disso, para dois fins: “a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si.” (FREUD, 2010, p. 48-49). Para maior clareza a reunião textual e poética realizada por Mário de Andrade em Paulicéia Desvairada exemplificam os traços característicos da civilização que rompe desejos e estabelece ordens:

Paisagem No. 1

“Minha Londres das neblinas finas!

Pleno verão. Os dez mil milhões de rosas paulistanas.

Há neve de perfumes no ar.

Faz frio, muito frio...

E a ironia das pernas das costureirinhas
parecidas com bailarinas...

O vento é como uma navalha
nas mãos dum espanhol. Arlequinal!...

Há duas horas queimou Sol.

Daqui a duas horas queima Sol.

Passa um São Bobo, cantando, sob os plátanos,
um tralálá... A guarda-cívica! Prisão!

Necessidade a prisão
para que haja civilização?

Meu coração sente-se muito triste...

Enquanto o cinzento das ruas arrepiadas
dialoga um lamento com o vento ...

Meu coração sente-se muito alegre!

Este friozinho arrebitado

dá uma vontade de sorrir!

E sigo. E vou sentindo,

à inquieta alacridade da invernia,

como um gosto de lágrimas na boca.” (ANDRADE, 2019, p. 43-44)

A instabilidade climática entra nas condições corpóreas do eu-lírico, o ambiente emprega um espaço temporal e instável, o clima muda distintas vezes, tal mudança associa-se a figura ocorrendo no seu ser a mesma variação. “Meu coração sente-se muito triste...”, “Meu coração sente-se muito alegre!” (ANDRADE, 2019, p. 43-44). É essa cidade responsável por convergir um só homem e suas emoções: logo reconheceu o próprio fascínio pela cidade moderna como centro convergente das tensões e contradições implicadas pelo implemento da industrialização capitalista” (FACIOLI, 1992, p. 62).

Freud(2020, p. 49) “A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas”. Esse produto manifestante expressa a cidade que adora e glorifica, contudo ocorre na mesma intensidade um afastamento desse espaço, justificada pela sonoridade excessiva que interdito a fruição lírica. São as múltiplas vozes que tornam necessárias recorrer a simultaneidade poética, ocorrendo a totalização do intento. Advertindo no prefácio interessantíssimo, o poeta sugere que o leitor não adepto ao canto, não leia o poema. Tornando o escrito um canto, relacionando curiosamente o poeta e a cidade. Chevalier (1982) afirma que o canto relaciona a fragilidade do indivíduo à potência do seu fundador, sendo o eu lírico uma alma que vozeia sua cidade.

Moraes ressalta a existência das cidades e o quão não se limite a um fato contemporâneo. “Na verdade, elas existem há bastante tempo e começaram a surgir quando o homem iniciou seu processo de sedentarização e de uma sociabilidade mais complexa” (MORAES, 1998, p. 8). O fenômeno processado pela industrialização, em especial São Paulo de 1872, compõem o objeto artístico de Mário de Andrade. A “desvairada” cidade de 1922 é vista e produzida pelo poeta como uma metrópole ‘arlequinal’, “espaço polifônico de conflitos e diferenças, que necessita de um empurrão escandaloso para se atualizar de fato com as novas correntes artísticas e de pensamento”(FACIOLI, 1992, p. 64). Isso é visível ao comparar o município brasileiro à Londres, que em 1863 albergava o primeiro metrô mundial, inserindo o moderno e sobretudo o novo das cidades internacionais.

Essa ideia sofre um corte profundo quando as sensações apresentam uma cidade cinzenta e submersa, as correntezas de ar, impiedosas, denotam a imposição aos exageros capitalistas. O São Bobo representa o bobo da corte, a melodia é silenciada pela

guarda-cívica, levando a hipótese a qual o silêncio aprisionador seria o fator primordial para a sociedade. Salienta, dessa forma, o avanço da modernidade decair aos antigos meios civilizatórios, contornando um círculo de atos. O eu lírico vivifica a dualidade de afetos e amarguras: goza dos ventos e dialoga com o frio ao passo que sofre o concreto cultural que fermenta o lugar. Contudo, o poeta afronta essas cidades, a moderna e a antiga, que perpassa por processos de transformação, o qual atingem o ser.

Ode ao burguês

“Eu insulto o burguês! O burguês-níquel,
o burguês-burguês!

A digestão bem-feita de São Paulo!

O homem-curva! o homem-nádegas!

O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,
é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!

Eu insulto as aristocracias cautelosas!

Os barões lampiões! os condes Joões! os duques zurros!
que vivem dentro de muros sem pulos;
e gemem sangues de alguns mil-réis fracos
para dizerem que as filhas da senhora falam o francês
e tocam os "Printemps" com as unhas!

Eu insulto o burguês-funesto!

O indigesto feijão com toucinho, dono das tradições!

Fora os que algarismam os amanhã!

Olha a vida dos nossos setembros!

Fará Sol? Choverá? Arlequinal!

Mas à chuva dos rosais

o êxtase fará sempre Sol!

Morte à gordura!

Morte às adiposidades cerebrais!

Morte ao burguês-mensal!
ao burguês-cinema! ao burguês-tílburi!
Padaria Suíça! Morte viva ao Adriano!
"Ai, filha, que te darei pelos teus anos?
Um colar... Conto e quinhentos!!!
Mas nós morremos de fome!"

Come! Come-te a ti mesmo, oh gelatina pasma!
Oh! purée de batatas morais!
Oh! cabelos nas ventas! oh! carecas!
Ódio aos temperamentos regulares!
Ódio aos relógios musculares! Morte à infâmia!
Ódio à soma! Ódio aos secos e molhados!
Ódio aos sem desfalecimentos nem arrependimentos,
sempiternamente as mesmices convencionais!
De mãos nas costas! Marco eu o compasso! Eia!
Dois a dois! Primeira posição! Marcha!
Todos para a Central do meu rancor inebriante
Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!
Morte ao burguês de gíolhos,
cheirando religião e que não crê em Deus!
Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!
Ódio fundamento, sem perdão!
Fora! Fu! Fora o bom burgês!..." (ANDRADE, 2019, p. 45)

Odes são um conjunto poético que engrandece algo ou alguém, construído por meio da inspiração e a exaltação, contudo o poema apresenta graus de sarcasmo entre o título e o conteúdo, tornando o burguês uma peça insultada, que recebe críticas ao invés de qualificações. Novamente o prefácio interessantíssimo apresenta que o leitor ao não saber urrar, não deve ler o poema, incitando a agressividade sonora para articular a leitura. É essa denotação forte que se atribui ao somado uso de exclamações, opondo-se ao comportamento do burguês.

Ressaltando a aversão ao capitalista, insere um modelo padronizado por aparências e gestos conflituosos, o eu-lírico encontra-se nesse meio a desejar a morte. O ódio circunda todo o poema, apresentando-se vicioso e ferramenta para libertar-se das ânsias revolucionárias e sociais. O eu-lírico, utiliza de seleções lexicais que expressam o paradoxo evidenciado em São Paulo, utilizando palavras francesas assim como arcaísmos presentes na língua brasileira, refletindo sobre o processo de transição, o qual encontrava-se o homem. É novamente os sentimentos ligados ao clima que expressará a condenação da cidade, mesmo ocorrendo dias chuvosos o sol vai estar êxtase

TU

“Morrente chama esgalga,
mais morta inda no espírito
Espírito de fidalga,
que vive dum bocejo entre dois galanteios
e de longe em longe uma chávena de treva bem forte!

Mulher mais longa
que os pasmos alucinados
das tôrres de São Bento!
Mulher feita de asfalto e de lamas de várzea,
toda insultos nos olhos,
toda convites nessa boca louca de rubores!

Costureirinha de São Paulo,
ítalo-franco-luso-brasílico-saxônica,
gosto dos teus ardores crepusculares,
crepusculares e por isso mais ardentes
bandeirantemente!

Lady Macbeth feita de névoa fina,
pura neblina da manhã!
Mulher que és minha madrasta e minha irmã!

Trituração ascensional dos meus sentidos!
Risco de avião entre Mogi e Paris!
Pura neblina da manhã!

Gosto dos teus desejos de crime turco
e das tuas ambições retorcidas como roubos!
Amo-te de pesadelos taciturnos,

Materialização da Canaan do meu Poe!
Never more!

Emílio de Menezes insultou a memória do meu Poe...

Oh! Incendiária dos meus aléns sonoros!
tu és o meu gato preto!
Tu te esmagaste nas paredes do meu sonho!
êste sonho medonho!...

E serás sempre, morrente chama esgalga,
meio fidalga, meio barregã,
as alucinações crucificantes
de todas as auroras de meu jardim!” ANDRADE, 2019, p. 60)

Nesse expressivo poema, a modernidade é apresentada por um olhar humanista, com ressalvas poéticas, o eu-lírico não seleciona ao feminino, mas o encarna na cidade, procura aspectos no contraditório espaço, que alia ao indefinível e caótico. Como explica Freud (2020) “não há nada de que possamos estar mais certos do que do sentimento de nosso eu, do nosso próprio ego. O ego nos aparece como algo autônomo e unitário, distintamente demarcado de tudo o mais.” (FREUD, 2020, p. 43). O sentimento do eu, desse modo, passa por distúrbios e fronteiras, que podem ser permanentes em sua vida e que, principalmente, estão ligados ao meio social em que está inserido. Essa ligação entre ambos, tornou a poética de Mário de Andrade definitivamente como futurista, ocorrendo um relato íntimo e exposto

em excesso, contudo esse rótulo foi ignorado pelo poeta. “Paulicéia Desvairada” e “Mestres do Passado” representam dois momentos históricos nas letras nacionais, na poesia e na crítica brasileiras.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Desde esse instante, a liderança modernista é repartida entre Oswald e Mário – os Andrades do modernismo (SILVA BRITO, 1974, p. 253). Tornando a poética de Andrade um movimento revolucionário e responsável pelos Mestres do passado e a Semana de Arte Moderna. Pode ser observado que as interpretações analíticas realizadas permitem observar como o sujeito é complexo e que procura entender a si e ao mundo, tendo sua identidade marcada pela constante busca do preenchimento. O eu lírico apresenta contradições, a formação católica pulsa na mesma potência da existência incerta, a reconhecer uma fé devota: “católicos de prática diária; somos ainda, ou seja, do que choram as muitas culpas que a imperfeição humana, com que universalizam, nos permitiu praticar” (ANDRADE apud SILVA BRITO, 1974, p. 237). A exposição em “Tu” ressalta uma cólera e a ofensiva ação, uma parte incomoda é exposta na poética do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante os estudos realizados nota-se as extremidades poéticas entre a civilização declamada nos poemas e o retrato construído na vida social. No poema Paisagem Nº 1; pode-se identificar a inconsistência climática que confronta a instabilidade dos sentimentos do eu lírico. Com base nos poemas analisados, o eu lírico manifesta o desconforto fomentado socialmente assim expresso pelo sentimento de ódio que permeia em Ode ao Burguês. Por fim, “Tu” retrata São Paulo- sui generis, ao mesmo tempo que expõe a relação do seu íntimo com a grande cidade. A partir dessas colaborações sucintas sobre as inquietações presente na construção poética de Mário de Andrade esperamos que outros trabalhos possam ser pensados e desenvolvidos.

Conceitos como o horrendo e o tenebroso, de pouquíssimo uso até então, tomam medidas e palavras na literatura Moderna, em que a desafinação e o desequilíbrio são definições cruciais. Em virtude disso, é possível declarar que a crítica poemática parece ter se construído e moldado com o tempo no percurso da história (da Antiguidade à Modernidade),

rompendo e impactando hipóteses baseadas na Lírica. O presente trabalho, ainda possibilita realizar uma interpretação alcançável para a interpretação do poeta Mário de Andrade e de sua Paulicéia. Em sua poesia, Mário de Andrade surge com uma sucessão contínua de imagens, supostamente desconexas, mas que estão sempre vinculadas umas às outras, em conectividade. Assim, todos os traços que abalam e podem ser descritos como quebradiços, se completam uns aos outros, em uma bela imagem do poeta que vive de corpo e alma desvairados.

REFERÊNCIAS

ANTELO, Raúl. **Transgressão & modernidade**. Ponta Grossa: UEPG, 2011.

CHERVALIER, Jean; GUEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, cores, números**. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

FACIOLI, Valentim. **Mário de Andrade e a cidade de São Paulo: aspectos**. Rev. Bibliotec. Mário de Andrade, São Paulo, p. 2, jan./dez. 1992.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Companhia das Letras, 2020.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

SILVA BRITO, Mário. **História do modernismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.